

ENTRE VELAS, BARCOS E BRAÇADAS: BELÉM NO REFLEXO DAS ÁGUAS (DO FINAL DO SÉCULO XIX À DÉCADA DE 1920)

DOUGLAS DA CUNHA DIAS*
CARMEN LÚCIA SOARES**

RESUMO

O artigo discute a profissionalização das práticas aquáticas em Belém do Pará entre o quartel final do século XIX e os anos de 1920. Utilizando jornais do período, investiga as regatas festivas como momento inicial desse processo, que culmina com a chegada dos esportes náuticos por intermédio de clubes esportivos, e ainda, de forma mais institucionalizada, com a criação da “Federação Paraense dos Sports Nauticos”. Problematiza-se a importância dada aos esportes náuticos e seus atletas apolíneos como símbolos inequívocos de uma urbanidade desejosamente moderna e que valorizava a vida ao ar livre.

PALAVRAS-CHAVE: Esportes náuticos. Vida ao ar livre. Belém do Pará.

ABSTRACT

The article discusses the professionalization of aquatic practices in Belem do Pará between the final quarter of the nineteenth century and the 1920's. Using newspapers of the period, it investigates festive regattas as a starting point in this process, that culminate with the arrival of water sports through sports clubs, and, even more institutionalized, with the creation of the "Water Sports Federation of Pará". It brings to the light throughout the text the valuation of water sports and its athletes as unambiguous Apollonian symbols of a willingly modern urbanity which valued the outdoor living.

KEYWORDS: Water sports. Outdoor living. Belém do Pará.

A respeito das margens: uma cidade que se anuncia

Entre as brumas e o frescor da manhã em uma Belém de 1888, a população em burburinho se dirige à orla da Baía do Guajará para assistir a uma grande festividade: a regata promovida pela imprensa paraense em homenagem à abolição da escravatura no Brasil. Relata o jornal *O Liberal do Pará*¹ sobre tal espetáculo ao ar livre: “Quando o dia 11 de Junho começou a anunciar-se no Oriente com cores cambiantes, quando as aves pipilaram, jubilando-se com o alvorecer da aurora, começou na cidade de Belem o bordorinho estranho e insolito, pronunciando algum facto extraordinario, que ia ter lugar [...]”² Forjava-se, então, uma cultura urbana, a impor ritmos e modos de ser estranhos à maioria cidadina, e, em meio a inúmeras mudanças então ocorridas, destacam-se traços do que mais tarde chamar-se-ia de esporte.

O presente artigo trata do processo de implantação dos esportes náuticos na cidade de Belém do Pará entre o final do século XIX e os anos de 1920 e objetiva responder à seguinte questão: como ocorreu o processo de esportivização das práticas aquáticas em uma Belém do Pará que se modernizava durante o período acima evocado? Utilizaremos como fontes os jornais *O Liberal do Pará*, *O Pará*,³ *A Constituição*,⁴ *Folha do Norte*,⁵ *A Província do Pará*⁶ e *O Estado do Pará*,⁷ pertencentes ao acervo do CENTUR,⁸ e também os relatórios do intendente municipal Antonio José de Lemos,⁹ datados de 1903, 1904, 1905 e 1908.

De início, é possível afirmar que a lógica social orquestrada desde o século XIX pelo modo de produção capitalista tornava “[...] todos os países, mesmo os até então mais isolados [...] ao menos periféricamente, presos pelos tentáculos dessa transformação mundial [...]”¹⁰ Desse modo, as transformações geoconômicas atingiram todo o mundo ocidental e, tal qual “[...] a maior parte das mudanças sociais repentinas, a ‘revolução urbana’ era um fato sobre-determinado – vivenciado quase inconscientemente”¹¹ Existiria, então, um “[...] único movimento

convulsivo e irresistível, [que] podia ser entrevisto com pequenas diferenças temporais e variações regionais, por exemplo, em Paris ou em Buenos Aires, [...] São Paulo, Manaus ou Belém [...]”.¹² Com efeito, durante a virada do século XIX para o XX, as grandes capitais brasileiras passaram por transformações de caráter econômico, político, social e cultural.¹³ Partindo desse quadro de ideias, ao olharmos para Santa Maria de Belém do Grão Pará durante a primeira metade do século XIX, constatamos que a base econômica cidadina girava em torno das atividades comerciais e da criação de gado. A partir de 1850, a produção de borracha iniciou sua supremacia no mercado, consolidada ao final da década de 1870, tendo perdurado até o início dos anos de 1910.

A economia gomífera modificou a estrutura social daquela Belém do entre séculos, que viu surgir retirantes e estrangeiros em busca de emprego e, mais que isso, propiciou a formação de uma nova elite, composta por seringalistas, comerciantes e homens do setor financeiro.¹⁴ Atenta à necessidade de substituir a antiga burocracia administrativa, considerada obsoleta pelo emergente regime republicano, essa elite enviou seus filhos para estudarem na Europa, e estes, ao retornarem, contribuíram para o projeto de europeização dos costumes belenenses.¹⁵ Julgando-se mais próxima “[...] da Europa do que do Rio de Janeiro, com os seus interesses mais ligados ao velho continente e à America do Norte do que ao Brazil de que faz parte [...]”,¹⁶ a Belém gomífera erguia seus imponentes casarões, arborizava ruas e praças, implantava um sistema de esgotos e canalização d’água, consumia produtos e novidades recém-chegadas do exterior. Eram os tempos da chamada *Belle Époque* amazônica, no caso belenense, marcada pela administração do intendente municipal Antonio José de Lemos, entre 1897 e 1911.

O projeto de Antonio Lemos tinha como objetivo transformar a capital do Grão-Pará na “*petit Paris*”, exibindo-a ao mundo como exemplo de civilidade e progresso. Representante das elites paraenses,

Lemos reforçou o avanço capitalista sobre a cidade, projetando-a higiênica, embelezada e ordeira; apta, portanto, a atrair os investidores e o capital estrangeiros, assumindo para si a tarefa de acompanhar o “[...] movimento civilizador e os progressos da hygiene e da industria [dando] ao executivo municipal poderes amplos, para reagir contra usos e costumes que se perdem no passado mais remoto [e que atentariam] contra o bom gosto, a saúde publica e a própria elegância esthetica”.¹⁷

Vinculando apuro estético e preocupações higiênicas, a reorganização do espaço urbano implementada nesse período incluiu “[...] a tarefa de disciplinar e embelezar a cidade, e, para desempenhá-la, [foram criados] mecanismos que [iriam interferir] na vida cotidiana das camadas populares”,¹⁸ o mesmo podendo ser dito sobre o dia a dia das elites, o que acarretou transformações de normas de conduta, criação de novos códigos de posturas e interferência direta sobre os usos de si. Por outro lado, o crescimento e a modernização tornavam Belém ruidosa e acelerada. Como contraponto, Lemos defendia momentos de vida ao ar livre, em contato com um ideal de natureza que, não só pertenceria à paisagem urbana, embelezando-a, como também proporcionaria aos cidadãos momentos de refrigério e revigoramento. Nesse sentido é que se dedicou, por exemplo, à conclusão do Bosque Municipal, que serviria para os pulmões

[...] enchem-se com o ar oxygenado da matta circumjacente; a vista deslumbra-se á luz causticante do sol que morde todas as coisas com beijos de intellectual apaixonado; o espirito, liberto do meio de troglodyta em que estivera por algum tempo, alegra-se e se expande, sob o setim azul e incomparavel do ceu paraense, formando cúpula por sobre est’outro céu planturosamente verde da selva.¹⁹

Contrastando com a imagem idealizada por Lemos, Belém também era uma cidade de ruas lamacentas e sem calçadas, cortada por igarapés e águas miasmáticas, e que via, dia após dia, crescerem contradições

decorrentes do atrelamento de sua economia à exportação da borracha, não menos que do avanço e da lógica do capitalismo. Destarte, a elite, subitamente enriquecida, gerava miséria e excluía do roteiro do desenvolvimento citadino a maior parte da população belenense, que, empobrecida, via-se obrigada a conviver com graves problemas sociais, fundamentalmente, os de urbanização, habitação e salubridade. Todavia, para além dos processos excludentes, as gentes empobrecidas resistiam aos avanços impositivos que interferiam de forma direta em seu cotidiano. Desse modo, os novos hábitos “europeizados” encontraram oposição por parte desse segmento da população, que seguia agarrada às suas tradições e a seus modos de ser. Havia, portanto, várias cidades dentro de uma mesma, e a capital do Grão-Pará mergulhava em contrastes.

Vivia-se então um processo conhecido como “regeneração” das cidades,²⁰ ocorrido durante a Primeira República, e que associou o desenvolvimento do País à superação de três grandes problemas: a estrutura urbana herdada dos tempos coloniais, implicando a necessidade de demolir, sanear e embelezar; os hábitos da população, entendidos como pouco higiênicos, o que exigia sua extirpação, por meio de pedagogias atravessadas pelo viés médico-higienista; e, por fim, aquele sobre o qual este artigo se deterá mais diretamente – a natureza malsã das águas junto à cidade, acarretando a necessidade de purificá-las, transformando-as em local apazível e adequado a um dos símbolos do que seria moderno, o esporte náutico.

O entendimento da natureza como um entrave à modernização era, em muito, pontuado pela presença das águas junto à cidade, de modo direto, sob a forma de pântanos e áreas alagadiças – considerados locais miasmáticos, nascedouros de sezões e impaludismo –; ou indireto, por meio dos portos por onde desembarcavam pessoas, mercadorias e doenças.²¹ Pode-se mesmo pensar que a Amazônia, enigmática e

incompreensível, se configurava como “[...] cenário ideal para a invocação do poder transformador do homem e da capacidade do progresso de regenerar o meio [inflamando] as mentes civilizadoras [divididas] entre a visão trágica da luta do homem contra o meio e a visão messiânica do lugar a ser ocupado pela região no cenário nacional e internacional do futuro”.²² De fato, com a difusão de novos comportamentos – sociabilidades e sensibilidades que levaram à abolição da escravidão e, posteriormente, à proclamação da República –, foram operadas mudanças nos sentidos atribuídos à natureza, a ponto de torná-la positiva, porque elemento regenerador das forças e da saúde, como no caso das águas termais, por exemplo, às quais foram atribuídas “[...] virtudes medicinais [...] traduzidas em linguagem médico-positivista de inspiração francesa”,²³ e lugar de educação, divertimento e contemplação.

O modo de ser urbano encontrou afirmação, ao forjar um ideal de natureza domesticada,²⁴ pertencente à estrutura citadina, na figura de bosques, praças, jardins públicos e, no caso de Belém, uma orla totalmente redesenhada. Por outro lado, viver junto à natureza também se constituía como uma extensão da vida urbana, neste caso, por intermédio da ida a balneários, estações termais, praias e colônias de férias.²⁵ Valorizada, a vida ao ar livre provocou mudanças comportamentais referentes aos usos do corpo, associando-os de forma direta à saúde, percebida como “[...] inscrita na coloração irradiante da pele, nos músculos tonificados [...] nas proporções adequadas, nas formas esbeltas [...]”. A saúde, então, era a chave de um corpo moderno”.²⁶

Aos corpos musculosos e às formas esbeltas; aos novos modos e espaços de sociabilidade e para além das diversões vividas nos bailes dos clubes sociais não tardaria a se juntar, no cotidiano das elites brasileiras, uma prática cultural nascida na Inglaterra e logo incorporada, de maneira

estruturada, à França e aos Estados Unidos: o esporte. Assim, a partir do final do século XIX passa a existir uma relativa tolerância aos “[...] exercícios corporais e ao esporte [bem como] uma demanda em relação a essas práticas que, nesse período, fazem sua tímida entrada em terras brasileiras, mais especificamente nos centros urbanos”.²⁷ Estamos diante de certo triunfo do esporte moderno, de suas lógicas e regras, de seu caráter heroico e seu ideário de organização e disciplinamento das práticas corporais. O afrontamento físico controlado, proporcionado pelo esporte, libera a efervescência de práticas corporais em uma dada sociedade que tende aos interditos, na mesma medida em que baliza aquilo que a torna, ela mesma, ludicamente tolerável.²⁸

Pensando a esportivização das práticas aquáticas junto aos rios, em Belém do Pará, como parte de um processo que inventou novos sentidos urbanos e de vida ao ar livre, o presente artigo é formado por três momentos: primeiro, teceremos investigações acerca das regatas comemorativas, tempo que antecede a chegada do esporte moderno; em seguida, investigaremos a esportivização das práticas aquáticas; e, por fim, faremos uma breve conclusão.

“Toda aquella gente em vivas e *urrahs*”: regatas comemorativas e novos usos da orla

Na Belém de 1876, uma regata comemorativa à vitória brasileira na Batalha de Riachuelo, primeiro evento deste gênero ocorrido na cidade, marcou a fundação, em 11 de junho daquele ano, do primeiro clube náutico belenense, o “Club de Regatas”. Formado apenas por oficiais da armada da estação naval, não pode ser considerado um clube esportivo; e tampouco a própria regata se constituía como competição esportiva, mesmo se valendo do confronto físico e do espetáculo dele resultante em meio à composição entre a água, os seres humanos, os barcos e as velas. Assim afirmamos, porque ali se configurava apenas um rascunho

do que mais tarde seria o esporte, essa prática que “[...] mobiliza uma nova maneira de orquestrar os encontros, uma cronologia, menos dependente das festividades locais, por exemplo, ou dos ritmos religiosos [...]”.²⁹

Entre as riquezas e as misérias da virada do século, a regata comemorativa eclodia como uma prática totalmente nova, que valorizava a vida ao ar livre sobre as águas da Baía do Guajará, resultando daí um espetáculo: catraias, barcos a velas e outros tipos de embarcações singravam festivamente as barrentas águas guajarinas, em vias de remodelação e adequação aos novos ares belenenses, no período que precedeu a implantação dos esportes náuticos. Embora festivas, as regatas apresentaram duas novidades aos que se dirigiam à orla: a figura dos competidores (divididos entre amadores e profissionais) e a dos espectadores, entre os quais, importantes autoridades e membros da elite. Mesmo que de forma pouco especializada e ainda distante daquelas adotadas pelo modelo esportivo, a regata de 1876 já evidenciava uma organização racionalizada: havia uma comissão responsável por classificar as embarcações, ordenando-as por provas, e uma cerimônia de premiação.

O encontro náutico foi alvo de críticas, por fazer prever os vencedores, no momento em que programou o confronto entre amadores e profissionais, permitindo a “[...] uma canôa tripolada por marinheiros afeitos aos trabalhos diários dos remos e governada por oficial da marinha [ficar] ao lado de um amador, alheio as regras da boa navegação”.³⁰ Os profissionais eram, na verdade, marinheiros, enquadrados naquela categoria por trabalharem cotidianamente com o uso de remos, o que, supostamente, lhes daria vantagens sobre os demais. Nesse momento, a distinção entre as duas categorias dizia respeito tão somente à prática diária de atividades corporais envolvendo

o uso de remos, não considerando o fato de os “profissionais” serem, ou não, assalariados.

Compondo um quadro espetacular, os cronistas afirmavam que os “[...] vapores soltos no Guajará, os trapiches, as casas das ruas do Imperador e de Belem, pontes e o cáes entre a alfandega e a ponte de pedras continham milhares de espectadores. Era imponente a vista que offerecia o littoral de Belem, e mais imponente ainda a vista de terra”.³¹ Diante dessa imagem, a paradisíaca Baía do Guajará, com suas águas “murmurantes”, imprimia ao caráter cívico do evento a dimensão da festa, da sociabilidade, do bucolismo e da busca por excitação.³² Traços narrativos semelhantes são retomados para descrever a regata do ano seguinte, realizada em uma daquelas “[...] manhans paraenses bellas e frescas [...]. O povo apinhava-se no cáes, nas pontes e em embarcações que corriam d’aqui para alli. Os navios surtos no porto estavam todos vistosamente embandeirados”.³³

Ao longo da década de 1870, esses eventos e formas narrativas se repetiram, indicando ali a configuração de uma civilização esportiva, ou uma esportivização da sociedade, movida para e por valores tão caros aos projetos coevos. Afinal, nada melhor que um acontecimento capaz de mobilizar, divertir, emocionar e, ao mesmo tempo, ser veículo de ideais. Propagava-se em alto e bom tom ser a plateia, além de numerosa, composta por “[...] ondas de povo, de todas as *classes*, de todas as *idades*, de todas as *categorias*, [que] affluíam para o cáes, procurando os trapiches, que dentro em pouco regorgitavam de gente [...]”.³⁴ Compondo a efervescência daqueles tempos idos, evocava-se que as regatas levariam às águas guajarinas, ao mesmo tempo, tranquilidade e frenesi. Desse modo, as águas da baía seriam palco por onde “[...] lanchas, rebocadores, escaleres, vapores etc, embandeirados, cheios de gente, cruzavam-se em todos os sentidos em uma *agitação* palpitante de alegria ou balouçavam-se de leve ao *sopro fresco* da brisa da manhã [...]”,³⁵ ou, como quer outra

crônica, as embarcações singrariam “[...] as ondas quietas da bahia correndo de um lado para outro, como um bando de elegantes patinhos *flutuando* nas faces de um lago *calmo* e *sereno* [...]”.³⁶ Em plena baía, amalgamando o barulho dos motores das embarcações às vozes citadinas, a modernização parecia impor-se à natureza, remodelando a vida ao ar livre:

Os vivas e *hurrahs* que partiam do cáes, dos trapiches, de todas as embarcações, prorompidos por milhares de vozes entusiasmadas, misturando-se com o reboar das válvulas de todos os vapores, em diversos sons, produziam um écho extraordinario, nunca ouvido até então, fazendo o efeito mais estupendo no animo de todos [...].³⁷

Como momento de sociabilidades, caracterizado pelo espetacular, ao público e, em especial, às mulheres, foi delegado o papel de exhibir-se, compondo, assim, o quadro de uma urbanidade moderna que aos poucos se configurava. Em tempos de mudanças comportamentais, o modo de vestir feminino simbolizava e obedecia a certas “[...] determinações sociais específicas [...] resultado de um laborioso e lento processo de transformação de sensibilidades em relação ao corpo e à sua exibição [...]”.³⁸ Atribuía-se às mulheres a função de embelezar a orla, seja com

[...] os vestidos claros das senhoras [...] que davam ao acontecimento [...] notas alegres e vistosas [ou com a] simplicidade das *toilets* das gentis meninas, algumas vestidas á marinheira, [que junto às] harmonias belíssimas das bandas marciaes [...] formava ali um conjunto cheio das mais attrahentes seducções, convidando o coração a expandir-se em demonstrações de jubilo.³⁹

Comparecer como espectadoras às regatas era uma forma de as mulheres expandirem ao campo a vida social, o mesmo podendo ser dito sobre a participação – mesmo pequena, se comparada à participação masculina – como competidoras em tais eventos. Com efeito, durante a virada do século XIX para o XX, “[...] pela prática dos esportes, as mulheres se mostravam bem mais presentes na vida social das cidades

[...], como assistentes e, muitas vezes, como atletas [...]”.⁴⁰ Assim, entre os páreos promovidos em junho de 1888, mereceu “[...] toda a atenção e [...] entusiasmo, o das senhoras, em que moças da nossa melhor sociedade concorrerão gentilmente para dar mais realce á festa [...]”.⁴¹ Além de deixar claro que as concorrentes eram da “melhor sociedade”, a crônica dava à participação feminina um caráter meramente festivo. Todavia, entendemos que a presença das mulheres foi maior do que a narrativa faz crer, pois elas participaram em dois páreos: em um, na condição de “patrão”, dirigindo o leme; e, noutro, como remadoras. Sobre os páreos, dizia-se: “[...] 3.º pareo – Guarnecido por senhoras [...] 6 remos, patrão a exm^a sr^a d. Umbellina [...]. 4.º pareo – Remado por senhoras e governado por cavalheiros [...]”.⁴² Mais adiante, a crônica relata que as “[...] senhoras vencedoras na regata foram, em escaler por ellas tripolado e remado, á capitanea da esquadra convidar e conduzir a officialidade para as danças, á bordo do ‘Trombetas’, e que duraram até o anoutecer [...]”.⁴³ Eis que um último elemento se juntou à configuração das regatas: as festas a bordo de vapores reservados apenas a convidados, uma elite que incluía coronéis, comendadores, oficiais dos navios de esquadra e o próprio presidente da província.

A descrição dessas festas diz muito do que era a elite dos tempos da borracha:

[...] os que iam a bordo de todos os vapores dançavam ao som das musicas, que continuamente enchiam os ares com melodias convidativas. Enquanto uns dançam, outros correm n’um vai vem entrecortado por outros que vem e vão. Ali bebem-se brindes entusiasmadissimos, aqui canta-se hymnos, ali *hips e urrahs*, aqui vivas e aclamações; ali uma quadrilha, aqui uma walsa [...] emfim era um enorme reboliço encantador!

Assim passaram as horas sem pensar-se no relógio, em meio a um contentamento indescritível.⁴⁴

Não nos aprofundaremos neste tema. Porém, consideramos importante ressaltar que a elite, confortavelmente acomodada a bordo dos vapores, enquanto se inebriava com suas riquezas, não apenas observava mais de perto as provas, comportando-se ora de forma contida, ora euforicamente, invariavelmente, testemunhava e alimentava a lógica capitalista que ali inventava um ideal de vida ao ar livre. Em contraste, a maioria do público, exposta ao sol, de pé ou sentada em cadeiras pouco confortáveis e até mesmo no chão, se acotovelava em busca de um melhor ângulo para assistir àquela forma de divertimento. Assim, e de forma complexa, mesmo sendo palco de distinções, as regatas envolviam diferentes classes sociais e sensibilidades, configurando-se em um espetáculo que, aparentemente, encantava a todos.

Como espetáculos que mobilizavam multidões, às regatas foram incorporados novos contornos com a proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, e com a adesão do Pará a tal regime, ocorrida em 16 de novembro daquele ano. Os belenenses comemoravam essas datas com “Festas Republicanas” promovidas pelo governo e pela intendência municipal. As festas – e as regatas, por extensão – reuniam um grande público, só que, agora, movidas pelo ideal de solidificar o imaginário da República. Desse modo,

[...] em meio a grupos urbanos de Belém, integrados por representantes de categorias sociais diversificadas [...] a festa republicana [era voltada] ao enaltecimento do novo regime, precisamente porque a festa, vista por esse ângulo, cerca-se do sentido de coesão, unidade, conagraçamento em torno de um valor comum [...].⁴⁵

As regatas eram dirigidas por oficiais da marinha e membros das companhias marítimas que operavam em Belém, como foi o caso da que ocorreu em 1892. Por outro lado, muito embora as festividades também fossem voltadas ao conjunto da população, tais eventos continuavam

marcados por desigualdades sociais, conforme nos diz uma crônica intitulada “Tim-tim por tim-tim”:

- Ah! Seu Ulysses! Aqui está por que nós andávamos sem sorte, desconhecidos de todo mundo, passando como barata em terra de gallinhas. Se havia um baile, um pic-nic, um espetáculo de gala, uma regata, todo quanto era bicho careta tinha convite; mas nós dois... Se era regata íamos olhar da beira do cães, sôl de rachar; se era pic-nic, íamos á Estação vêr passarem os convescoteiros [...].⁴⁶

A constância dos privilégios às elites não impediu que as regatas se popularizassem durante o processo de esportivização das práticas corporais aquáticas, a ponto de o remo ter sido considerado, ao longo dos anos de 1920, o principal esporte em Belém. Além deste, outros esportes náuticos foram implantados e rapidamente aceitos pela juventude belenense: a natação e o polo aquático (*waterpolo*), em maior escala; e, sem o mesmo impacto, os saltos e os mergulhos. Como veremos a seguir, os esportes náuticos surgiram e foram integrados ao cotidiano belenense de duas formas: 1) por intermédio da criação de clubes e associações vinculadas a práticas aquáticas; 2) por intermédio da fundação da “Liga Marítima Brasileira”, seguida pela “Federação Paraense das Sociedades do Remo” e, posteriormente, da “Federação Paraense dos Sports Náuticos”, de cuja dissidência surgiu o “Conselho de Regatas do Pará”, formado tão somente por clubes ligados a colônias estrangeiras.

Práticas aquáticas: esportivização em meio às “mansas águas do Guajara”

O progresso acenado pelo regime republicano avançava sobre a cidade, impelindo ao consumo daquilo que se apresentava como novidade, tais como os divertimentos públicos, provocando, ao mesmo tempo, o desencantamento com muito do que inicialmente era atrativo.

Em Belém, os clubes sociais e recreativos, os teatros, as casas de *shows* e, mesmo, os cinemas, muito embora prosseguissem como atrações, não satisfaziam mais a todos os desejos das elites. Era crescente o vozerio, clamando por uma atividade física moderna, criada na Europa e que já aportara em algumas capitais brasileiras, tais como Rio de Janeiro e Porto Alegre.⁴⁷ Praticada ao ar livre, propunha-se não apenas a educar, fortalecer e disciplinar os seus jovens adeptos, como também a atrair e encantar os espectadores: assim era anunciado o esporte náutico, capitaneado pelo remo.

Atento ao que se passava, em 1902, Antonio Lemos vislumbrava que os usos da orla de Belém precisavam ser remodelados para que ali pudessem surgir “[...] elegantes *habitots de distração* nos bellos logradouiros publicos por nós realizados ou apenas esboçados inteligentemente”.⁴⁸ Só que o início dos Novecentos foi marcado pelo declínio das regatas promovidas pelos poderes públicos, a ponto de um cronista afirmar: “[...] eu vejo, com pesar, que estamos quase sem diversões sportivas [...]. O mais lamentável, porém, é o esquecimento em que está o sport náutico entre nós [...]”.⁴⁹ Essa fase decadente foi superada a partir de três elementos articulados: 1) a remodelação espacial da orla de Belém e dos sentidos atribuídos a ela; 2) o surgimento e o fortalecimento de clubes náuticos; 3) a instalação em Belém, no ano de 1909, da “Liga Marítima Brasileira”, que fora criada no Rio de Janeiro em 1907 e, a partir de 1909, passaria a promover as regatas a remo e a vela que ocorreriam em Belém.

Antonio Lemos foi o primeiro delegado geral da Liga em Belém, garantindo o apoio a ela pelas elites belenenses, o que indicava um possível entendimento de que a prática do remo, ou o espetáculo promovido por este, integrava-se ao projeto de modernização do intendente. As regatas que seriam promovidas pela Liga ainda guardavam, com as dos idos de 1898, semelhanças tais como declarar a qualidade das embarcações, o nome do patrão e se este e os “remeiros”

eram profissionais ou amadores. Mas estava nas particularidades o que as aproximaria do modelo esportivizado: a racionalização e a burocratização exigiam o vínculo dos remadores a clubes esportivos, devendo “[...] as pessoas que quizerem tomar parte declarar [...] numero de remadores, sociedade ou grupo nautico a que pertencem, etc.”⁵⁰

As mulheres participaram da regata de 1909 em apenas um dos sete páreos, o primeiro deles, na categoria “[...] Yole french, em 500 metros, para senhoritas, com as embarcações ‘Marcillio Dias’ e ‘Greenalgh’ [...]”.⁵¹ As provas masculinas foram mais longas e variaram entre 1.000 e 1.500 metros, indicando a possível compreensão de que as mulheres não estariam aptas a remar distâncias maiores. Além disso, se apenas os páreos masculinos foram divididos em amadores e profissionais, é viável supor que as mulheres participantes não possuíam quaisquer práticas diárias ligadas ao ato de remar? Por seu lado, voltados apenas aos associados dos clubes, os páreos amadores contaram com a participação do “Para Club”; da “Tuna Caixerai”, mais tarde denominada “Tuna Luso Commercial” e, posteriormente, “Tuna Luso Brasileira”, sua denominação até os dias de hoje; do “Grupo do Remo”; da “Associação Dramatica e Recreativa”; e do “Sport Club do Pará”. Nesse momento, a participação já se vinculava de forma mais direta à vitória e ao desempenho e se mostrava sintonizada com referências próprias ao esporte moderno, entre as quais, a valorização e a preocupação com a técnica e com a eficácia de cada gesto. Destarte, esportivizar as práticas aquáticas implicou a elaboração e o aceite de uma série de técnicas corporais, entendidas como

[...] maneiras de fazer, procedimentos que visam a eficácia; um conjunto de referencias estáveis que permitem repetição e refinamento da ação; um conjunto de construções ou estratégias motrizes que são suscetíveis de aperfeiçoamento. Estas técnicas supõem, antes de tudo, uma organização “racional”, uma ordem, uma regulação do comportamento. Mas, elas supõem também transmissão e descrição.⁵²

A partir do entendimento de Vigarello,⁵³ é possível pensar que tal esportivização, ou o surgimento de uma cultura esportiva, deu-se, grosso modo, não apenas porque houve uma racionalização gestual voltada à eficácia, capaz de instituir e difundir técnicas corporais pormenorizadas, mas, fundamentalmente, porque os sentidos burgueses de urbanidade entendiam a natureza domesticada como lugar de afirmação do progresso. Foi assim que o esporte preencheu “[...] uma necessidade social consideravelmente maior que a de exercícios ao ar livre”,⁵⁴ passando a compor o ideário da vida urbana que se afirmava, também, por certa avidez de novas, espetaculares e excitantes práticas corporais junto à natureza.

Voltemos a refletir sobre a esportivização das práticas corporais realizadas ao ar livre, mais especificamente, aquelas realizadas junto aos rios, tema deste artigo: ao dependerem do contato direto com as águas, os esportes náuticos não seriam, naquele momento, instrumentos ideais ao processo de urbanização que, como já relatamos aqui, tinha a natureza como modo de afirmação? Por atraírem multidões à orla de Belém, modificando a espacialidade desta, podem os esportes náuticos ser pensados como elemento importante à invenção de uma cultura urbana centrada na imagem de uma modernidade europeizada? Ou ainda: porque espaço de conagração e sociabilidades públicas, podem as regatas ser entendidas como veículos dos ideais republicanos?

As rupturas provocadas pela modernização urbana e dos usos e costumes acarretavam reações diversas, que variavam entre o apoio e a resistência. Uma crônica saudava a criação da Liga Marítima, afirmando que ela provocaria o ressurgimento da prática de remo em Belém, pois “[...] havia cinco annos que os nossos *sportmen* do remo dormiam acalentados pela brisa marajoara, deixando seccar os *out-riggers* no littoral ou dependurados no tecto das casas como fiambre no fumeiro”.⁵⁵ Após relatar o abandono e a esperança de que o remo ressurgisse em Belém, a

crônica prossegue e acaba por criar uma tensão entre um antigo e um novo modo de remar. De fato, referindo-se à regata do dia 16 de novembro, o cronista, logo de início, chama a si de “tapuio”, acentuando sua identidade paraense. Dirigindo-se às mulheres e aos rapazes que singrariam as águas guajarinhas, diz:

Eu quizera atirar o meu desafio – ás signorinas, do pareo L.M., mas estou vencido por ellas; a esses rapazes *elegantes e musculosos*, valentes a valer, em
cujas mãos a faixa do remo se verga em arco ao beijo das aguas [...] para lhes mostrar como se rema, á moda da minha maloca, fazendo rebujar cachoeirante a agua além do jacuman com um ronco estrondoso como se fora trovão,
mas...já estou comprometido...
Eu não posso me bater a não ser com outro tuchaua: o tuchaua Marabá aceitou o desafio de outro tuchaua velho.
Lá estaremos: cada um na sua piroga, com o arco e a flexa para o lado e empunhando o pau da pá redonda.
Vae ser o pareo de honra.⁵⁶

Entendemos que o cronista reconhecia as regatas de então como uma nova forma de remar e, por isso, opõe a ela uma forma tradicional, regionalista até, própria da cultura ribeirinha e indígena – o que fica evidenciado quando se autodenomina “tapuio” e, em seguida, “tuxaua”. Ao mesmo tempo que exalta a criação da Liga e o suposto reerguimento que esta daria à prática do remo em Belém, a narrativa é romântica e saudosista, quando faz referência à embarcação indígena (piroga) e ao jacumã (pá indígena utilizada como remo), descrito como um “pau da pá redonda”.

Resistências à parte, já na década de 1910, o Grupo do Remo coordenou a fundação da “Federação Paraense das Sociedades do Remo”, em setembro de 1913, à qual se federaram o “Sport Club” e o “Pará Club”, marcando, de fato, a institucionalização do remo como esporte em Belém. O primeiro campeonato foi, na verdade, apenas uma prova de *rowing*. O sucesso da prova fez com que os jornais da época

afirmassem que, em breve, “[...] a Tuna e a Recreativa, [...] se filiarão á Federação [...]. Assim, de facto, é preciso para o progresso da nossa cultura physica”.⁵⁷ Porém, isso não ocorreu, e, pelo contrário, a Tuna e a Recreativa acabaram promovendo, em dezembro daquele ano, cada qual uma regata, caracterizando um foco de resistência à Federação como modelo institucional. Ao longo do ano, as tensões foram se dissipando e, já próximo do final de 1915, a imprensa paraense enaltecia a Federação pelo ressurgimento do remo paraense. Afirmava-se que o evento náutico do dia 16 de novembro daquele ano marcaria “[...] uma nova éra a esse gênero de sport e já mais dois certamens náuticos cogitam-se para breve, talvez ambos se realizem pela época da commemoração do tricentenario [...]”.⁵⁸

Contando com quatro clubes federados, “Club do Remo”, “Sport Club do Pará”, “Associação Dramática Recreativa” e “Tuna Luso Commercial”, a federação anunciava a realização de regatas a vela e, mais ainda, o aumento do seu campo de ação, com a inclusão da natação, do *waterpolo* e, com menor destaque, dos saltos e dos mergulhos. Com a inclusão dessas novas práticas, a Federação passou a se chamar “Federação Paraense dos Sports Nauticos”.

Ainda em 1915, uma longa crônica exaltava a natureza e a vida ao ar livre, ao mesmo tempo que tecia críticas à existência de apenas uma regata anual, a que homenageia o dia 16 de novembro: “Fôramos um outro povo de mais pratico empreendimento e que melhor soubesse aproveitar o que prodigamente nos offereceu a Natureza, estamos por crêr de que tão espaçados não seriam os belos espetáculos como o que vamos assistir, ás primeiras horas, nas mansas aguas do Guajará”.⁵⁹ Naqueles tempos acelerados, ávidos por espetáculos e sociabilidades, a realização de um espetáculo náutico por ano não era suficiente, muito menos diante de uma natureza tão pródiga, com suas águas bucólicas e encantadoras. A crítica era direcionada ao comodismo belenense, e não à

Federação, esta, por sinal, saudada, por não permitir que fosse entregue ao esquecimento a prática do remo, “[...] o mais salutar dos sports no nosso clima”.⁶⁰ Evidencia-se aqui, mesmo que de forma indireta, a presença do ideário médico-higienista, justificando a importância da prática dos esportes náuticos em uma cidade de clima quente e úmido como Belém, tema que seria comum durante os anos de 1920.

Ainda como novidade, foi fundado, em junho de 1917, o “Yole Club”, ligado à colônia inglesa em Belém, logo se filiando à Federação. As competições prosseguiram, mas, em 1919, a proibição imposta pela Federação à Tuna, impedindo-a de participar de uma prova de *out-rigger*, perturbou as relações entre aquele clube, a Dramática Recreativa e a Federação; e culminou com a mudança dos estatutos desta, que passou a exigir a presença de sócios brasileiros no quadro dos clubes filiados, atingindo diretamente a Tuna, formada apenas por portugueses, e o Yole, composto por ingleses. Diante disso, estas agremiações romperam com a Federação e, em um ato ousado, criaram, em setembro, o “Conselho de Regatas”, formado apenas por clubes que não possuíam brasileiros entre seus sócios. A afronta teve rápida repercussão e, inclusive, provocou a fundação de dois novos clubes náuticos: um deles, formado por italianos, o “Unione Italiana di Instruzione e Mutuos Soccorso”; e o outro, o “Grupo Sportivo do Banco Nacional Ultramarino”, formado por portugueses.

Uma reunião realizada em 2 de setembro, na sede da Tuna Luso, estabeleceu os primeiros andamentos para efetivar o Conselho, decidindo que a primeira regata seria realizada no dia 16 de novembro, em clara oposição ao calendário da Federação rival. Para essa regata, a “[...] Unione Italiana fundou já a sua secção náutica, com elevado numero de remadores, tendo encommendado para a Italia as suas embarcações [...]”.⁶¹ Em 1920, a tensão existente entre as duas instituições começou a diminuir, a ponto de o festival promovido pelo

Conselho naquele ano ter ocorrido na doca Marechal Hermes, “[...] visto ter a Federação Paraense de Sports Nauticos por nimia gentilleza, transferido para o dia 13 do corrente o ‘match’ de ‘water-polo’ marcado para amanhã”.⁶² Essa aproximação demonstrava que estava próxima uma “[...] era de concordia as dissensões tão prejudiciais outr’ora existentes no nosso meio sportivo náutico”.⁶³ De fato, em reunião ocorrida na noite de 21 de maio daquele ano, a Federação e o Conselho se fundiram, fato que foi saudado como uma “[...] solução honrosa para ambas as partes, e que virá tornar forte e homogênea a nova organização da F.P.S.N.”⁶⁴ O Conselho de Regatas foi extinto imediatamente após a realização das regatas por ele promovidas em 6 de junho daquele ano, ficando os clubes que o integravam automaticamente filiados à Federação. Além disso, ocorreu a filiação de novos clubes, entre eles, o “Paysandú Sport Club” e o “Grêmio Luzitano”, este de origem portuguesa.

Ao longo dos anos de 1920, a competição de regatas passou a ser concebida como celebração do músculo e da técnica, sob a forma de um espetáculo competitivo ao ar livre. Com efeito, se isso já era anunciado em 1908, ao afirmar-se que Belém possuía “[...] bellos rapazes de rijos musculos, que bem podiam ainda mais desenvolvê-los nos exercícios do remo [...]”,⁶⁵ a partir de 1920 essa associação ganhou vulto. Não por acaso, a coluna do jornal *A Província do Pará* dedicada aos esportes, inicialmente denominada “Vida Sportiva”, logo passou a se chamar “Ao ar livre”. Foi justamente neste jornal que encontramos verdadeiras odes ao músculo, à técnica e à competição. Vejamos o que diz uma crônica, ao elogiar a Federação: “Á directoria da Federação logicamente caberão os louros dessa linda festa do musculo, pois foi a sua acção bem orientada que tornou possiveis esses prélios, disputados dentro de toda a lealdade [...]”.⁶⁶ Espectaculares, as regatas entusiasmavam a todos, porque “[...] os esguios barcos disputam, pela força e technica dos seus remadores, os

louros da victoria [...].⁶⁷ Mas era preciso tornar palpável aquilo que parecia subjetivo. Após adjetivar os *rowers* do “Club do Remo” de “[...] bairras do muque, da altura e do pezo [...]”, cabia detalhar, mensurar, quantificar; e, para isso, uma crônica estampava os dados físicos dos remadores, especificando a função de cada um deles: “[...] voga, Edgar Fraga de Castro – altura 1m79, pezo 72 kilos; sota voga, Fernando Araujo – altura 1m83, peso 75 kilos [...]”, concluindo que, ao contar com “[...] semelhante gente, o Remo vae dar agua na barba aos seus competidores [...]”.⁶⁸

Pensando agora nos demais esportes náuticos, é importante retomar a ideia de que a orla de Belém possuía usos muito restritos, pautados, com rigor, por códigos de postura e voltados aos usos mais comerciais. Não era, portanto, compreendida como propícia a divertimentos, banhos e passeios. Porém, com a chegada dos esportes náuticos, traço de modernidade e expressão de uma nova sensibilidade urbana, a realidade daquelas águas ganhou novas margens: se os atletas de remo não entravam em contato corporal direto com as águas dos rios, o mesmo não pode ser dito sobre os atletas dos demais esportes náuticos que foram instituídos posteriormente em Belém, quais sejam, a natação, o *water-polo* e os saltos. Por isso, muito embora o *rowing* fosse o esporte mais popular em Belém, foram os outros esportes náuticos que exigiram um maior grau de mudança de sensibilidades por parte dos seus praticantes e espectadores. Nesse sentido, podemos pressupor duas grandes transformações de sensibilidades: a aceitação do contato direto com as águas dos rios e da exposição dos corpos, em decorrência das roupas especializadas para os esportes náuticos. Há aqui uma composição entre o corpo, a técnica e os materiais. Dito de outro modo, “[...] toda técnica esportiva é impensável fora do seu próprio domínio histórico e cultural [...]. A transformação dos gestos e técnicas [...] de todas as modalidades esportivas não ocorre, portanto, sem as influências

culturais de cada época e sociedade”.⁶⁹ Tratava-se, então, de fundamentar as transformações das técnicas corporais, ou seja, de recensear, categorizar e, de alguma forma, explicar, muito mais do que restituir cronologias sistemáticas e exaustivas. Sublinhemos também que toda técnica corporal é feita de interdependência com o meio; portanto, sua história diz respeito àquela das escolhas tecnológicas, dos modelos culturais e dos contrastes os mais diversos.⁷⁰

Quando investigamos a esportivização dos nados, vemos, de início, a reforma da instrução ocorrida no Pará, em 1871, apresentar um projeto de lei que criava em Cameté, município paraense, “[...] uma escola de natação no collegio modelo de Cameté, onde haverá commodos independentes para os sexos opostos”.⁷¹ Por seu lado, em 1898, a “Casa do ABC”, estabelecimento de instrução primária e secundária para meninos, que funcionava em regime de internato e externato, oferecia aulas de natação, além de equitação, velocipedia e luta romana. Mais do que uma prática física educativa, a natação parecia associada às raízes da própria população, a julgar pelo que defende Arthur Vianna, importante historiador e personagem da história paraense, em seu livro *História do Pará, Volume I*, que foi reproduzido ao longo do ano de 1898 pelo jornal *O Pará*. Dizia Vianna, sobre os índios tupinambás, que competia ao pai educar seus filhos “[...] no fabrico e uso das armas, na caça, pesca, natação e outros exercícios corporaes [...]”.⁷² Esse tipo de entendimento, acreditamos, de certa forma dificultava a percepção do nado como um espetáculo ou, mesmo, como prática voltada à competição.

Ainda distante do modelo esportivo, em 1903 a natação foi integrada ao cotidiano dos clubes, como foi o caso da Dramática Recreativa. A coluna “Notas Sportivas”, do jornal *Folha do Norte*, informava que em breve seria inaugurado “[...] um bello tanque para natação, o qual mede 80 metros de comprimento, 14 de largura e 1,”³⁵

de profundidade, na media [...]”.⁷³ A inauguração ocorreu em 31 de maio, e a ela foi dedicada uma crônica extensa. Caracterizando a ainda frágil constituição de um campo esportivo, as práticas associadas ao “bellissimo tanque natatório” oscilavam entre o exercício físico e os divertimentos, já que o tanque era convidativo “[...] senão a exercicios de natação ao menos a um banho matutino que, de certo, bem disporá para as diversões de domingo [...]”.⁷⁴ Exaltando a vida ao ar livre e os hábitos daí decorrentes, plenamente aceitos pela juventude, afirmava-se: “Ao que nos consta, mal a aurora ruboreje o azul do oriente, rapazes que não são como os gatos, medrosos dagua, lá estarão rompendo o salso elemento [...]”.⁷⁵ Irônico consigo e com aqueles distantes do desvelo e do vigor dos jovens, o cronista diz que os senhores

[...] José Francisco Ferreira e Antonio Siqueira de Moraes, exímios nadadores, quaes...velozes prégos, farão a travessia desse... Atlantico formidável.

O chronista sente andar rheumatico e ter muito que fazer durante a semana entrante, pois era ocasião de mostrar o seu folego, passando uma semana em baixo dagua...⁷⁶

Ironias e mobilizações à parte, apenas em 1905 surgiram notícias sobre competições de natação, ainda distantes do modelo esportivo. Era sábado, e a *Folha do Norte* divulgava: “[...] um grupo de rapazes amadores do sport náutico, composto dos srs. Raoul Engelhard, José Danin, Raymundo Story e Luiz Paulino, irão amanhã estabelecer o *record* de natação, na distância de 1.500 metros”.⁷⁷ Desse modo, estabeleceu-se que aquele que “[...] chegar em primeiro lugar será o possuidor do *record* e ficará á disposição de todo e qualquer amator náutico que deseje acatalo”.⁷⁸ Mas nem tudo ocorreu conforme o planejado, pois a disputa foi cancelada, porque um dos nadadores viajara, além de outro ter adoecido. Reforçando mais ainda a distância entre esse modelo e o do esporte institucionalizado, que alguns anos depois iria imperar, prosseguia a notícia afirmando que no dia seguinte ao da prova cancelada, “[...] apenas

o nadador Raoul Engelhard fará um ensaio na mesma distancia, acompanhado por balieiras do Club do Remo[...].⁷⁹ Caracterizando a frágil racionalização e burocratização desse rascunho de modelo esportivo, o referido nadador não fez apenas um ensaio, como fora anunciado: “O sr. Raoul Engelhard, sem competidor, ás 7 ½ horas da manhã de hontem [...] fez o *record* oficial de natação na distancia de 2.500 metros, no tempo de 19’8” 3/5 [...]”.⁸⁰

A esportivização do nado se concretizou somente em 1916, após o surgimento da “Federação Paraense dos Sports Nauticos” e da realização, por parte desta, do primeiro campeonato de natação em Belém, mesmo que a organização das provas ainda apresentasse flexibilizações quanto aos critérios de participação, como no caso da principal prova do dia, o “Campeonato de natação do estado do Pará”, que foi “[...] aberto a quantos nelle queiram se inscrever, quer sejam filiados a clubes federados ou não [...]”⁸¹ e consistia na travessia a nado da baía do Guajará, com a saída ocorrendo às cinco da manhã, da Ilha das Onças, e a chegada na doca Marechal Hermes, em Belém. As demais provas de natação foram realizadas nessa doca, com disputas de velocidade (100 metros), provas para estreantes (200 metros) e o campeonato de natação da Federação, em 600 metros, destinado a qualquer classe de nadadores. Embora houvesse provas abertas a qualquer participante, a racionalização gestual, ou ainda, a necessidade da gesta técnica caracterizavam tais práticas, de modo que, ao nado recreativo e ruidoso nas águas dos rios, impôs-se o esporte natação, com suas normatizações e técnicas,⁸² implicando prescrever “[...] regras claras e precisas que insistem em apagar um corpo para que outro, expressão de um tipo de civilização, possa surgir”.⁸³

O concurso aquático de 1916 não foi voltado apenas à natação, pois, em um único páreo, o quinto e último do dia, foram realizadas disputas de “[...] mergulho, constando de saltos de varias formas,

inclusive mortaes, da altura de 8 metros, saltos a phantasia e prova de salto de altura, de 10 metros no mínimo [...]”.⁸⁴ Mas não bastava mobilizar multidões, extasiando-as. Era preciso educar, disciplinar, fortalecer, moralizar, ou, pensando com Foucault,⁸⁵ porque ação biopolítica, era imperativo normalizar e normatizar. O regulamento do campeonato de natação de 1917, categoria infantil, é exemplar, quando define que só participariam do campeonato “[...] nadadores que tenham no máximo 1,60 de altura e 15 annos de idade [...]”, sendo vedada a participação aos que não soubessem “[...] ler e escrever, devendo para isso provar estarem se educando em escola publica ou particularmente; b) os meninos que possam comprometer o nivel moral e social do campeonato”.⁸⁶

A busca de excitação, característica do esporte moderno, ganhava corpo com o *water-polo*, modalidade ainda em vias de ser implantada, mas que prometia maior dinâmica e competitividade, em oposição a uma pretensa monotonia das provas de natação. Em defesa da nova modalidade, uma crônica munuiu-se de argumentos apoiados no ideário médico-higienista, ao afirmar que, se a natação reunia benéficas vantagens, “[...] o ‘water-polo’, que é o seu mais bello sport, se recommenda como o melhor dos exercicios phisicos, deixando-a em plano secundario, quer sob o ponto de vista sportivo, quer sob o ponto de vista *hygienico* [...]”.⁸⁷ A crônica reproduz dados de um estudo dito científico, conduzido pelo dr. Phillip Hawk, da Universidade da Pensilvânia, que comprovaria ser o *waterpolo* o mais eficaz para o desenvolvimento dos glóbulos vermelhos, “índice primordial de vitalidade”. Comparando a produção desses glóbulos entre diferentes esportes, o estudo apontava o seguinte quadro: “Water-polo 27%; Corrida a pé 25%; [...] Natação 21%; [...] Cyclismo 14% [...]”.⁸⁸ Mudando o foco das argumentações, no dia seguinte foram exaltados os esportes coletivos, porque proporcionariam robustecimento físico e moral,

educando para a abnegação, o altruísmo, o desprendimento e a disciplina, “[...] contribuindo assim para o desenvolvimento do caracter, a par do fortalecimento corporeo. O water-polo figura entre esses exercicios e como um dos mais preciosos sob tal ponto de vista [...] O polo aquatico impõe-se assim. É elle um sport que deve devemos gostar, praticar e animar”.⁸⁹

Ao longo de 1917, a modalidade se organizava e publicou o código que regeria as competições daquele ano. Defendia-se, então, a necessidade de uma piscina capaz de abrigar os jogos, sendo que, na falta dela, “[...] a Federação incumbirá de demarcar o local do jogo, correndo as despesas por conta dos clubs designados para matches”.⁹⁰ O estatuto proibia a participação de profissionais, pois ninguém poderia “[...] jogar por um club sem que seu nome esteja registrado na Federação como amador [...]”.⁹¹ A padronização e a normatização dos trajes também era tema do código: “[...] Os jogadores apresentar-se-ão com fato próprio para natação, com barrete representando as côres já approvadas pela Federação, conforme o código de natação”.⁹² Em meio ao espetáculo e à padronização dos esportes náuticos, público e atletas, como em comunhão, acreditavam que o rigor e a disciplina construiriam, no embate e na celebração entre os músculos e as águas, uma juventude vitoriosa, capaz de recuperar a prosperidade que um dia Belém duvidara ser efêmera, mas que, com o final da década de 1920, perceberia nada ter sido, além de um breve e saudoso aceno.

Uma nova *margem...* de um tempo que se esvai

Incansáveis e vigorosos, os corpos seminus e atléticos dos *sportmen* às margens guajarinas eram de uma exuberância encantadora, pois, quem passasse “[...] pelo Café Manduca, em hora matinal [veria] uma rapaziada forte e disposta, que ali [fazia] sua primeira refeição. [Eram] os atletas náuticos que voltavam dos trainos”.⁹³ Refletida pelas águas, a imagem

dos atletas parecia eternizar os tempos de riqueza de uma Belém que se quis europeia em sua modernidade. Encarnada pelas “[...] figuras apolíneas dos atletas náuticos, [...] remadores fortes e decididos, ansiosos de victorias, desejosos de triumphos [...]”,⁹⁴ a festa dos músculos, que parecia não ter fim, transformava o *sportman* em um símbolo dos tempos de modernidade que se contrapunha ao passado. Não por acaso, o poeta Bruno de Menezes, um dos líderes do grupo de intelectuais modernistas paraenses, intitulado “Os Vândalos do Apocalipse”, traçava relações entre o futebol e a modernidade.⁹⁵ Ou ainda, como quer Aldrin Figueiredo, naqueles tempos, “[e]sporte e revolução passaram a ser sinônimos na medida em que podiam evidenciar o significado bélico da luta contra o passadismo”.⁹⁶

Porque moldados à forma do exercício físico racionalizado; porque mantidos à custa de treinamento, disciplina e dedicação, aqueles corpos apolíneos não eram objetos de censura, assim como não o eram as ruidosas festas a bordo dos vapores que acomodavam as elites em dias de competições náuticas e as multidões populares apinhadas às margens da baía, mesmo que o código de posturas de 1890 proibisse “[...] bulhas, vozerias e dar altos gritos sem necessidade [...]”.⁹⁷ Estariam aquele espaço e aquele tempo forjando novos sentidos de ordem e de civilidade? Trazidas pelos esportes náuticos, teriam as formas de lidar com as águas que banhavam Belém – porque enquadradas por regras e balizadas por técnicas de execução – inaugurado outras, e modernas, maneiras de educar o corpo?

A Belém do final dos anos de 1920 já não experimentava as riquezas da *Belle Époque*, mas relutava em abdicar de alguns dos usos e costumes europeizados. A prática de esportes tornar-se-ia popular ao longo das décadas seguintes, com destaque ao futebol, que suplantaria o remo como esporte preferido da população. Os saudáveis e atléticos *sportmen* náuticos continuariam a singrar as águas barrentas da baía do

Guajará, mas sem o quê de espetáculo dos tempos idos. O processo de esportivização das práticas aquáticas, iniciado com as regatas festivas, desembocou na chegada dos esportes náuticos e na institucionalização destes por intermédio de uma federação específica. As águas guajarinas em breve não mais seriam palco de festividades e concursos aquáticos como os de outrora, tampouco atrairiam multidões às suas margens para celebrar a vida ao ar livre, a plasticidade muscular e a técnica dos “sportmen”. Naqueles novos tempos que emergiriam, o som das *jazz bands* e os “vivas e urrahs” das elites dariam lugar às batidas secas, ritmadas, treinadas e precisas de remos, braçadas e mergulhos que, quase solitários, insistiam em entregar-se aos rios.

Notas

* Faculdade de Educação Física. Instituto de Ciências da Educação. E-mail: douglas@ufpa.br

** Programa de Pós-Graduação em Educação. E-mail: carmenls@unicamp.br

¹ Jornal de circulação diária. Órgão do Partido Liberal do Pará. Circulou a partir de 1869, suspendendo sua publicação logo após a Proclamação da República. Ver Jornais PARAoaras: catálogo, Belém, Imprensa Oficial do Estado, 1985, p. 56.

² O Liberal do Pará. 15.06.1888, p. 1.

³ Diário vespertino, apoiava o Partido Republicano. Fundado em 1897, saiu de circulação em 1900. Ver Jornais PARAoaras: catálogo, *op.cit.*, p. 163.

⁴ Pertencia ao Partido Conservador. Circulou entre 1874 e 1886. Ver Jornais PARAoaras: catálogo, *op.cit.*, p. 66.

⁵ Jornal de circulação diária, defendia o Partido Republicano Federal e fazia oposição à administração de Antonio Lemos. Ver Jornais PARAoaras: catálogo, *op.cit.*, p.154.

⁶ Jornal de circulação diária. Fundado em 1876, circulou até 2001. A partir de 1897 teve Antonio Lemos como um de seus sócios e, de 1900 a 1912, como seu único proprietário. Ver Jornais PARAoaras: catálogo, *op.cit.*, p.74.

⁷ Circulou diariamente entre 1911 e 1980. No primeiro ano de circulação combatia a política de Antonio Lemos em favor de Lauro Sodré, seu opositor político. Ver Jornais PARAoaras: catálogo, p. 241.

⁸ Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves. Abriga, entre outros, a Biblioteca Pública Arthur Vianna, à qual estão vinculados o setor de microfimes, de obras raras e obras do Pará.

⁹ Sobre a administração de Lemos, ver SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do “Velho Intendente” Antonio Lemos (1869-1973)*. Belém, Paka-Tatu, 2002.

¹⁰ HOBBSAWM, Eric J. *A era dos Impérios (1875-1914)* 7ª. ed., São Paulo, Paz e Terra, 2002, p. 46.

¹¹ SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2006, p. 261.

¹² SEVCENKO, Nicolau, *op.cit.*, p. 42.

¹³ Sobre o tema, ver CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Companhia das Letras, 3ª ed., 2013.

¹⁴ CANCELA, Cristina Donza. *Casamento e família em uma capital amazônica: Belém 1870-1920*. Belém, Ed. Açáí, 2011. SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*. 3ª ed. Belém, PA: Paka-Tatu, 2010.

¹⁵ SARGES, *op. cit.*

¹⁶ LEMOS, Antonio José de. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém Capital do Estado do Pará. *Arquivo da Intendencia Municipal*. Belém, 1909, p. 30.

¹⁷ LEMOS, Antonio José de. *Relatório Municipal*. 1904, Typographia de Alfredo Augusto Silva, p. 152.

¹⁸ SARGES, *op.cit.*, p.21.

¹⁹ LEMOS, Antonio José de. *Relatório Municipal*. Belém, 1904, Typographia de Alfredo Augusto Silva, p.188.

²⁰ Ver, a respeito, SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 3ª ed., 1989. Ver também SCHWARCZ, Lília Moritz. População e sociedade. In: SCHWARCZ, Lília Moritz (org.). *História do Brasil Nação: 1808-2010. Volume 3: A abertura para o mundo (1889-1930)*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2012, pp. 19-33.

²¹ Ver, a respeito, SEVCENKO, *op.cit.* e CHALOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

²² MURARI, Luciana. *Natureza e cultura no Brasil (1870-1922)*. São Paulo, Alameda, 2009, p. 326.

²³ MARRAS, Stelio. A propósito de águas virtuosas: formação e ocorrências de uma estação balneária no Brasil. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2004, p.58.

²⁴ SOARES, Carmen Lúcia. *As roupas nas práticas corporais e esportivas: a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940)*. Tese de livre docência, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2010.

²⁵ DALBEN, André; SOARES, Carmen Lúcia. Uma educação pela natureza: vida ao ar livre e métodos terapêuticos nas colônias de férias infantis do Estado de São Paulo. *Pro-Posições*, v. 22, pp. 167-182, 2011.

²⁶ SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. cidade, editora, 2010, v. 3, p. 559.

-
- 27 SOARES, Carmen Lúcia. *As roupas nas práticas corporais e esportivas: a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940)*. Campinas, Autores Associados, 2011, p. 35.
- 28 VIGARELLO, Georges. *Du jeu ancien au show sportif: la naissance d'un mythe*. Paris: Seuil, 2002.
- 29 VIGARELLO, *op.cit.*, p. 65. Sobre o tema, ver também ELIAS *et al.* *A busca da excitação*. Lisboa, Difel, 1992.
- 30 A CONSTITUIÇÃO, 15.06.1876, p.1.
- 31 A CONSTITUIÇÃO, 13.06.1876, p.1.
- 32 Ver, sobre o tema, ELIAS *et al.*, *op.cit.*
- 33 O Liberal do Pará, 23.11.1877, p.1.
- 34 O Liberal do Pará, 15.06.1888, p.1. Grifos nossos.
- 35 O Liberal do Pará, 15.06.1888, p.1. Grifos nossos.
- 36 O Liberal do Pará, 15.06.1888, p.1. Grifos nossos.
- 37 O Liberal do Pará, 15.06.1888, p.1. Grifo do jornal.
- 38 SOARES, Carmen Lúcia, 2011, p. 13.
- 39 O Liberal do Pará, 15.06.1888, p.1. Grifo do jornal.
- 40 LUCENA, Ricardo de Figueiredo. *O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Campinas, Autores Associados, 2001, p. 87.
- 41 O Liberal do Pará, 15.06.1888, p.1. Grifo do jornal.
- 42 O Liberal do Pará, 15.06.1888, p.1. Grifo do jornal.
- 43 O Liberal do Pará, 15.06.1888, p.1. Grifo do jornal.
- 44 O Liberal do Pará, 15.06.1888, p.1.
- 45 COELHO, Geraldo Mártires. *No coração do povo: O Monumento à República em Belém - 1891-1897*. Belém, Paka-Tatu, 2002, p. 133. Sobre o tema, ver também MOURA, Daniella de Almeida. *A República paraense em Festa (1890-1911)*. Dissertação (mestrado), Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.
- 46 Folha do Norte, 23.09.1896, p. 1.
- 47 Sobre o processo de implantação do remo no Brasil, ver MENDONÇA, Alberto. *História do sport náutico no Brazil*. Rio de Janeiro, Federação Brasileira de Sociedades de Remo, 1909. Ver também LICHT, Henrique. *O remo através dos tempos*. Porto Alegre, 1986.
- 48 LEMOS, Antonio José de. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém na sessão de 15 de Novembro de 1902. Belém, Typographia de Alfredo Augusto Silva, 1902, p. 173. Grifos nossos.
- 49 Folha do Norte 20.11.1908, p.1. Grifos nossos.
- 50 A Província do Pará, 11.08.1909, p.1.
- 51 Folha do Norte, 09.11. 1909, p.1.
- 52 VIGARELLO, Georges. *Une histoire culturel du sport: techniques d'hier...et techniques d'aujourd'hui*. Paris, Robert Laffont, 1988.
- 53 VIGARELLO, 1988.
- 54 HOBBSAWM, Eric, *op.cit.*, p. 258.
- 55 Folha do Norte, 16.11.1909, p. 1. Grifos do jornal.
- 56 Folha do Norte, 16.11.1909, p. 1. Grifos nossos.
- 57 Estado do Pará, 22.11.1913, p. 3.

-
- ⁵⁸ Estado do Pará, 13.11.1915, p. 4.
- ⁵⁹ Estado do Pará, 16.11.1915, p. 3.
- ⁶⁰ Estado do Pará, 16.11.1915, p. 3.
- ⁶¹ Folha do Norte, 03.09.1919, p. 4.
- ⁶² Folha do Norte, 08.05.1920, p. 5.
- ⁶³ Folha do Norte, 09.05.1920, p. 5.
- ⁶⁴ Folha do Norte, 21.05.1920, p. 4.
- ⁶⁵ Folha do Norte, 20.11.1908, p. 1.
- ⁶⁶ A Província do Pará, 09.06.1923, p. 2.
- ⁶⁷ A Província do Pará, 06.06.1924, p. 2.
- ⁶⁸ A Província do Pará, 13.06.1924, p. 3.
- ⁶⁹ SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Entre o corpo e a técnica: antigas e novas concepções. *Motrivivência*. Florianópolis, Santa Catarina, n.15, p. 17, 2000.
- ⁷⁰ VIGARELLO, Georges, 1988.
- ⁷¹ O Liberal do Pará, 23.03.1871, p. 3.
- ⁷² O Pará, 13.02.1898, p. 1, grifo nosso.
- ⁷³ Folha do Norte, 14.05.1903, p. 2.
- ⁷⁴ Folha do Norte, 31.05.1903, p. 2.
- ⁷⁵ Folha do Norte, 31.05.1903, p. 2.
- ⁷⁶ Folha do Norte, 31.05.1903, p. 2.
- ⁷⁷ Folha do Norte, 23.12.1905, p. 3.
- ⁷⁸ Folha do Norte, 23.12.1905, p. 3.
- ⁷⁹ Folha do Norte, 24.12.1905, p. 3.
- ⁸⁰ Folha do Norte, 26.12.1905.
- ⁸¹ Folha do Norte, 19.07.1916, p. 3.
- ⁸² VIGARELLO, Georges, 1988. SANT'ANNA, 2000, *op.cit.* SOARES, Carmen Lúcia. L'Éducation du corps: de la maîtrise de soi au sport. In: ANDRIEU, Bernard (dir.) *Éthique du sport. Lausanne: L'Age d'Homme*, 2013, pp. 106-114 SIQUEIRA, Sandra Aparecida de, *Campinas: seus corpos, suas águas (práticas corporais aquáticas no início do século XX)*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, 2009.
- ⁸³ SOARES, 2010, p. 33.
- ⁸⁴ Folha do Norte, 19.07.1916, p. 3.
- ⁸⁵ FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro, RJ, Forense Universitária, 2006.
- ⁸⁶ Folha do Norte, 04.06.1917, p. 5.
- ⁸⁷ Folha do Norte, 03.09.1917, p. 4. Grifo nosso.
- ⁸⁸ Folha do Norte, 03.09.1917, p. 4.
- ⁸⁹ Folha do Norte, 15.09.1917, p. 5.
- ⁹⁰ Estado do Pará, 15.02.1917, p. 4.
- ⁹¹ Estado do Pará, 15.02.1917, p. 4.
- ⁹² Estado do Pará, 15.02.1917, p. 4.
- ⁹³ Folha do Norte, 16.09.1928, p. 9.
- ⁹⁴ Folha do Norte 23.09.1928, p. 9.
- ⁹⁵ Ver FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Os Vândalos do Apocalipse e outras histórias: Arte e literatura no Pará dos anos 20*. Belém, IAP, 2012.

⁹⁶ *Idem*, p. 65.

⁹⁷ A Província do Pará, 13.01.1891, p. 2.

Data de envio: 18/02/2014.

Data de aceite: 27/02/2014.